



REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talhoba — Lisboa • Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As relações internacionais

Tese a apresentar ao II Congresso Operário Nacional

Nunca pôde a U. O. N. estabelecer relações internacionais duma forma efectiva e com carácter definitivo.

Emquanto a alínea d) do artigo 1.º dos seus estatutos determinava, textualmente: *estabelecer relações internacionais entre o proletariado organizado, a alínea e) do parecer da comissão sobre as teses de Organização Operária prescrevia, como aspiração futura: A Confederação Operária Portuguesa deverá filiar-se na União Sindical Internacional, executando e fazendo executar as suas resoluções.*

Não foi esta contradição flagrante a causa das relações internacionais não se estabelecerem com as centrais dos outros países.

A guerra, que se sucedeu à realização do Congresso de Tomar, impediu que esse passo fosse dado.

Se assim não acontecesse, e as relações internacionais houvessem de estabelecer-se pelo ingresso da U. O. N. na U. S. I., i. e. se ia de encontro ao disposto na alínea d) do artigo 1.º, que prescreve que as suas relações internacionais se estreitem entre o proletariado organizado, e ainda ao artigo 3.º, que diz: «A União não pertence a nenhuma escola política...», etc.

Não seria, talvez, necessário, presentemente, abordar esta questão. Entendemos, porém, que tendo o Congresso que se pronunciar sobre as relações internacionais, e sobre as mesmas decidir, não é demais pôr a questão claramente, a fim de que a sua resolução seja tomada com o conhecimento do passado, para que, tendo em conta o presente, possa decidir para o futuro.

O Congresso de Tomar, resolvendo, como aspiração futura, o ingresso da C. O. P. na U. S. I., executando e fazendo executar as suas resoluções, indicava a este Congresso qual o caminho que tinha a trilhar.

E, assim, se este Congresso resolvesse ingressar, agora, num organismo com bases e procedimentos idênticos aos da União Sindical Internacional, nada mais faria do que proceder contra o critério justo e lógico de que os trabalhadores se devem organizar e entender na luta contra o patronato internacional.

Concretizemos: A União Sindical Internacional era um organismo dependente dos partidos socialistas parlamentares de todos os países.

Não tomava resoluções próprias, nas quais fosse traduzido o pensamento operário internacional, dentro da luta de classes sociais; as suas decisões eram ditadas pelos congressos dos partidos socialistas de todos os países, os quais, como se sabe, eram, na maior parte dos casos, orientados pela social-democracia alemã, sendo o próprio Bureau da U. S. I. dirigido por alemães, em Berlim, onde tinha a sua sede.

Era sua aderente a Confederação Geral do Trabalho, de França. Mas este organismo era menosprezado pela U. S. I., precisamente porque a sua acção é exercida, tal como a da U. O. N., independentemente e fora da acção de qualquer partido político.

Alguns factos passados entre a C. G. T. de França, e a U. S. I., bastarão, tanto para comprovar o que atrás afirmamos, como para elucidar os camaradas congressistas.

A C. G. T. de França, no desejo de estabelecer relações com as centrais dos outros países, assistiu às conferências internacionais de Stuttgart (1902) e de Dublin (1903), votando a constituição da U. S. I. e outras resoluções, tais como publicações sobre o estado particular de cada corporação (movimento de caixa, falta de trabalho, greves, doenças, óbitos, etc.) e ainda relatórios anuais sobre a vida sindical de cada país (agitações, greves e seus resultados).

Levava o delegado da C. G. T. um relatório sobre o *antimilitarismo* e a *greve geral*. Ficou, porém, muito admirado quando a Conferência de Dublin terminava ao cabo duma sessão de três horas, compreendendo-se neste tempo o discurso de abertura e as traduções necessárias, pelo que não pôde apresentar o referido relatório.

Voltou para Paris. E mais tarde, sendo anunciada a conferência de Amsterdam, de 1905, a C. G. T. propunha a inclusão das questões atrás citadas e ainda a relativa às oito horas como condição necessária para a sua adesão à referida conferência.

Foi negativa a resposta do Bureau da U. S. I., apesar da C. G. T. ter declarado previamente que não tinha a pretensão de querer que aquelas questões fossem aceites, mas sim o que fosse ouvida, ficando cada um com a liberdade de dar as ideias expostas e discutidas a aplicação que julgasse ser a melhor.

A esta negativa objectuou a C. G. T. que o Bureau não tinha poderes para tal, e então este resolveu consultar as organizações dos outros países, mas dando ao mesmo tempo a sua opinião, ou seja a indicação do que cada uma deveria responder.

Não pôde obter a C. G. T. aquelas respostas, pelo que não pôde ir à Conferência de Amsterdam, o que não obste a que esta, por proposta da Alemanha, decidisse «excluir da discussão todas as questões teóricas e todas as que dizem respeito às tendências e à tática do movimento sindical dos outros países».

Como se vê, não havia interesse algum, por parte da U. S. I., em livremente discutir as questões que saíssem do estreito e dogmático, e que só não irritou

se chamava *União Sindical Internacional*...

Por resolução do Congresso de Amiens (1906), a C. G. T. insistiu na apresentação das suas questões à Conferência de Christiania (1907) e a resolução desta, relativamente ao assunto, foi que as questões do *antimilitarismo* e *greve geral* são da incumbência exclusiva dos congressos socialistas internacionais, pelo que «a conferência pediu instantemente à classe operária de França que examinasse estas questões de acordo com a organização política e operária do seu país, e, por uma adesão aos congressos socialistas internacionais, que colaborasse na solução destas questões...», etc.

Confirma-se, pois, o que avançamos, isto é: que a U. S. I., era um organismo dependente dos partidos políticos socialistas, não podendo, consequentemente, a C. O. P. dar a sua adesão a esse organismo — se é que ainda existe — ou a qualquer outro que, embora com nome diferente, siga as mesmas ou parecidas pisadas, e muito menos executar e fazer executar as suas resoluções, como está enunciado na supra-citada alínea e) da aspiração futura do Parecer da Comissão sobre as teses de Organização Operária, votada no Congresso de Tomar.

Apaz-nos, nesta altura, transportar para aqui duas resoluções importantes da velha Associação Internacional dos Trabalhadores, porque muito nos elucidam neste caso especial de irmos estreitar relações de solidariedade efectiva e permanente com as centrais dos outros países.

O Congresso de Berne de 1876, votou:

«Considerando que o respeito recíproco com relação aos meios empregados nos diferentes países pelos trabalhadores para chegar à emancipação do proletariado é um dever que se impõe a todos e que todos aceitam, o Congresso declara que os operários de cada país são os melhores juizes dos meios mais convenientes que há de empregar para a propaganda. A Internacional simpatiza com esses operários, em todos os casos, sempre que não tenham relação com os partidos burgueses, quaisquer que eles sejam.»

«O Congresso declara que a Associação Internacional dos Trabalhadores quer praticar com todos os trabalhadores do mundo, qualquer que seja a sua organização, a solidariedade na luta contra o capital para realizar a emancipação do trabalho. (Congresso de Genebra, 1873).

Estas notas, da velha e já mais esquecida Internacional, exprimem exactamente o pensamento e o sentir de todos os trabalhadores conscientes de Portugal, especialmente no momento que passa, em que os operários se apressam, sem a intromissão de elementos daninhos, para realizar a emancipação do trabalho da tutela odiosa do capital.

De resto, já na reunião de Ferrol (Maio de 1915), a que aderiu a U. O. N., se ventilou a questão, ficando resolvido que a futura Internacional dos Trabalhadores não pudessem fazer parte, apesar de operários, os vereadores, os deputados, os senadores e, enfim, todos os indivíduos que exerçam cargos de confiança dos governos, para que esses indivíduos não pudessem imprimir no novo organismo uma orientação diferente daquela que ele, por natureza própria, deve ter, não se ressentindo o movimento operário desse prejuízo, como acontecia com a U. S. I.

O inevitável esborçoamento da União Sindical Internacional, filha primogénita do Bureau Socialista Internacional e sua dependente, produzido pela guerra, trouxe como consequência as reuniões de Zimmerwald e Kienthal, para se reatar a oposição à guerra imperialista, que aqueles organismos alentaram em certo modo, e refazer-se do abalo sofrido por uma política negativista da luta de classes, dentro do campo puro do socialismo e da revolução.

Da fusão realizada pela mesa zimmerwaldista com a da Nova Internacional resultou a fundação da chamada 3.ª Internacional, com sede em Moscú, Rússia.

O seu carácter, comquanto vise à remodelação do sistema económico da sociedade, é fundamentalmente político. A sua constituição é composta pelos agrupamentos socialistas, e não pelos sindicatos, que representam as forças organizadas do trabalho.

O proletariado consciente olha com simpatia e satisfação o abandono das velhas fórmulas da social-democracia internacional, a sua depuração do reformismo e consequente reintegração no socialismo revolucionário, agora que a acção étnica e emancipadora dos operários e camponeses da Rússia escancarou as portas da Revolução Social.

Mas seria negar a si própria o valor da sua organização, caracterizada por uma classe seria negar a sua facilidade criadora do trabalho emancipado, se relegasse para o ostracismo o complemento da sua organização do trabalho, sob o ponto de vista internacional, considerando apenas na acção duma Internacional que não é a sua.

A organização do trabalho em bases equitativas e justas, a gestão da produção e do consumo realizada pelos próprios produtores, para ser humana e solidária, só pode ser obra da sua própria organização.

Só esta, porque é regida pelos mesmos trabalhadores, é que não será des-

“A BATALHA” EM PARIS

(Do nosso correspondente especial)

A agitação operária por virtude da aplicação da lei das 8 horas : : : e da carestia da vida : : :

PARIS, 20 de Junho de 1919.

Quanto a conflitos grévistas, a situação em França não melhora. Dois factores estão neste momento a determinar as greves: a aplicação da lei de 8 horas e a carestia da vida. Por essas duas causas, toda a classe operária terá de ir à greve. O mal é que as greves se estejam produzindo por partes. Que o pensamento da C. G. T. é fazer um movimento de conjunto, que dê completa satisfação às reivindicações corporativas. Mas o mal-estar é grande e as classes não esperam pela ordem do organismo central: vão decretando as greves por sua conta.

Presentemente, as greves de maior vulto são a da metalurgia na região parisiense (que um congresso dos metalúrgicos a reuniu-se por estes dias vai tornar geral em toda a França) e a dos mineiros, que foi decidida no Congresso de Marselha, reunido em Maio último.

A greve dos metalúrgicos compreende reivindicações de salário e a regulamentação das horas de trabalho. Os mineiros só exigem a regulamentação das horas de trabalho.

A greve dos mineiros tem um aspecto especial, que é bastante desfavorável aos trabalhadores: é que ela não é dirigida directamente contra os patrões nem contra o governo; ela dirige-se contra o parlamento, o qual não votou o projecto de interpretação da lei das 8 horas, da autoria do deputado Duraufour, que é o que convém aos mineiros. Nas minas, a lei das 8 horas deve ter uma interpretação especial. Os mineiros querem que nas 8 horas de trabalho seja compreendido o tempo que eles levam a descer à mina, a subir, e a acarretar os materiais para a extração do carvão. Eles alegam que há empresas onde se perde uma hora e às vezes hora e meia para acarretar os materiais ao trabalho, e se esse tempo não for compreendido nas 8 horas de trabalho, eles, em realidade, trabalham mais do que isso.

O parlamento a nada disso atende. Aliás, o culpado dessa intangibilidade é um deputado, eleito pelos mineiros do Pas de Calais. Este cidadão, usando da

via do seu objectivo, e levará até ao fim a sua acção progressiva, quer sob o ponto de vista económico, quer da liberdade.

A constituição duma Confederação Internacional do Trabalho impõe-se, pois, sob modelos modernos, onde seja respeitado o princípio de autonomia das organizações internacionalmente confederadas, mas onde igualmente se faça obra revolucionária e emancipadora, com a cooperação e para benefício do proletariado.

Uma questão particular se nos apresenta e sobre a qual teremos também que emitir a nossa opinião, tanto mais que é possível vir a ser tratada na próxima conferência de Amsterdam.

A U. O. N. só podia ser aderente às centrais que acelassem a acção reformista específica. Deste modo, as centrais que tal acção não acelassem como dogma intransponível, não eram admitidas.

Nestas circunstâncias estavam a Confederação Espanhola do Trabalho, a Associação dos Trabalhadores do Mundo, da América do Norte, a União Sindical Italiana, etc.

E' certo que da U. S. I. faziam parte outras centrais dos mesmos países. E a União Sindical Italiana, de orientação semelhante à da C. G. T., de França, enviou a esta um relatório contendo uma série de questões de carácter internacional, entre as quais avultava, pela sua importância, a que a privava de entrar naquele organismo.

Igual relatório enviou às centrais dos outros países para que estes igualmente se pronunciassem sobre o assunto.

Não chegou a U. O. N. a ocupar-se da questão, já porque não recebesse esse relatório por via directa, devido, ou a insuficiência de endereço, ou porque a censura militar interceptasse a comunicação — já porque, embora esse documento fosse tornado público, não lhe ligasse naquele momento, 1915, a importância devida.

E agora que estamos resolvendo sobre as reclamações internacionais e que vamos participar na Conferência de Amsterdam, convém fixar a nossa atitude sobre a questão.

Partimos do princípio de que em muitos casos há fartas razões para se extremarem os campos. Há organismos que enfermam da influência retrógrada ou conservadora, sempre prejudicial ao desenvolvimento progressivo da classe operária, por parte dos elementos políticos.

Poderiam aduzir-se argumentos e provas aos milhares, mas é isso desnecessário, tanto eles são de todos nós conhecidos.

Em tais circunstâncias a scisão manifesta-se inevitável. E' o que acontece com os organismos atraz citados, e com motivos que se justificam, ou justificam.

Ora esses organismos podem ser inferiores em número, mas superiores na razão da sua existência e dos seus meios de acção.

Em qualquer dos casos afigura-se-nos absurda a proibição da sua entrada na Internacional.

A exposição recíproca de táticas diferentes, o controle das ideias livremente defendidas e honestamente postas, a discussão animada do desejo superior de se chegar a uma ratificação ou acor-

sua influência junto dos seus antigos companheiros de trabalho (que ele também é mineiro) conseguiu que estes aceitassem a arbitragem do governo. De forma que, ao momento de ser decretada a greve geral dos mineiros em toda a França, os do Pas de Calais, por artes do seu deputado, voltavam ao trabalho depois de quase uma semana de greve. Este facto produziu enorme sensação — que se traduziu em alegria nos arraiais burgueses — e em decepção do lado dos trabalhadores. De facto, encorajados pela defeção dos do Pas de Calais, o parlamento preparava-se para resistir à vontade dos demais mineiros.

Entretanto, algumas medidas foram tomadas para remediar a situação. O Partido Socialista irá talvez chamar à ordem o seu insubordinado afiliado e uma consulta directa vai ser feita aos mineiros do Pas de Calais por delegados da Federação do sub-solo.

Demais, a Federação conta com o apoio do Cartel Confederal, ao qual ela pertence. O Cartel Confederal é uma aliança existente no seio da C. G. T. entre os mineiros, os ferroviários, os inscritos marítimos e a construção civil. Essas classes obrigam-se a acudir umas às outras no momento do perigo. Portanto, quando a Federação do sub-solo o achar conveniente, o Cartel se pronunciará.

Os inscritos marítimos (que fazem parte do Cartel) acabam de realizar em Paris um Congresso, com o objectivo de exigir a aplicação da lei das 8 horas na marinha mercante. Se o governo, em breve prazo, não atender a essa exigência, os embarcadouros irão também à greve. E uma greve na marinha mercante será uma coisa feiável, cujas consequências ninguém poderá prever. Os sucessos de Brest, verdadeiramente sensacionais, dão a entender o que será tal greve.

Os sucessos de Brest... não, deixamos que eles se desenvolvam para então tratar deles com a atenção que merecem...

B. C.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

Conclusões

1.º O Congresso Operário Português, reunido em Coimbra, resolve por parte a resolução votada no Congresso Operário de Tomar, segundo a qual a Confederação Operária Portuguesa se deveria filiar na União Sindical Internacional, executando e fazendo executar as suas resoluções, tanto porque aquele organismo parece já não dar sinais de vida, como e principalmente porque, dado que exista, não corresponde às necessidades nem objectivos de emancipação da classe operária internacional.

2.º O proletariado português organizado, pela sua Confederação Nacional, entrará desde já em relações com as centrais operárias dos outros países, sem alienar ou apoucar a sua autonomia, respeitando reciprocamente os mesmos princípios por parte das organizações dos outros países, condição indispensável para um bom entendimento dentro dos moldes sindicais.

3.º A Confederação Operária Portuguesa influirá, nas conferências, congressos internacionais ou nas simples e amistosas relações cotidianas com as centrais dos outros países, para que se constitua a Confederação Internacional do Trabalho, com representantes exclusivamente operários, não sendo estes investidos de qualquer mandato político, para que por esse organismo novo se coordene a acção geral dos trabalhadores de todos os países que aspiram ao fim comum da sua integral emancipação.

4.º O Congresso do operariado português declara contribuir, na medida das suas possibilidades, para a execução de qualquer resolução votada pelo operariado organizado dos outros países, no sentido de apressar a queda do regime económico actual da produção e sua substituição pela gestão do trabalho emancipado, por meio dos seus organismos de classe.

5.º No caso particular da União Sindical Italiana, o Congresso operário português é de opinião que todos os organismos sindicais animados do espírito de classe devem ter ingresso na futura organização internacional e, no caso de não seio esse organismo haver duas centrais dum mesmo país, o mesmo promova a fusão delas em uma única, em nome dos superiores interesses da classe trabalhadora.

A Comissão Organizadora,

Miguel Correa
Joaquim Francisco
António Gomes Amara
Abel Jacinto Pereira
Manuel Joaquim de Sousa, relator.

Política espanhola

MADRID, 24. — No final da reunião dos *leaders* das esquerdas parlamentares, foi comunicada à imprensa uma nota dizendo que as esquerdas ratificaram as resoluções anteriores, e que por unanimidade resolveram pô-las em prática logo na primeira sessão das cortes, principalmente para estabelecer e exigir as responsabilidades ao gabinete pelo que respecta às últimas eleições e obter a completa liberdade de imprensa. — H.

NOTAS & COMENTARIOS

Gato por lebre

Escreve-nos o sr. Francisco Coelho, proprietário da barraca “Carvoaria Coelho”, da feira de Santos, a propósito da nota aqui publicada a respeito daquele inculto tratante que se empregava a caçar gatos à cacetada, durante a noite, gatos que seriam vendidos — no dizer dos jornais — às barracas de comida da feira, para com eles se fazer... coelho à caçadora. Pois pede-nos o sr. Coelho “que esclareçamos nós o assunto, de forma a que os comerciantes honestos não sejam afectados nos seus paupérrimos negócios”. Os negócios dos feirantes não nos parecem tão paupérrimos como tudo isso, mas nem por isso diminui em nós o desejo de ver o caso esclarecido. Simplesmente, mais do que a nós compete essa tarefa a polícia. O positivo é que uma guarda surpreendeu em flagrante delito o caçador de felinos; e não cremos que a caçada se efectuasse com intuítos outros que não o de aproveitar os animais abatidos. O próprio mariola o declarou, segundo se lia nos jornais de então. Os barraqueiros da feira que se esforcem também por aclarar a questão, visto que ela compromete inocentes e culpados enquanto o mistério subsistir.

Alimentação

Vem caríssima a fruta, este ano. E' claro que isso importará pouco as pessoas que só como sobremesa e em pequena escala a consomem. Mas é que a fruta era para muitos, nesta quadra escura, protectora dos pobres, não só sobremesa, mas sopa e prato e bebida e tudo. Quem tinha filhos, comprava-lhes um quilo de cerejas, e aí tinha a petizada uma merenda saborosa — salutar, acrescentaria o dr. Amílcar de Sousa — e baratiníssima, que era o principal. A' hora do jantar era ver os trabalhadores, espalhados pela sombra, nessas obras, fazendo acompanhar dum bom cacho de uvas o naco de pão escuro, mas de trigo. Um quilo de uvas dava um jantar e custava um vintém ou trinta réis. Hoje tudo mudou. A fruta, que a doçura do nosso clima torna magnífica, que Portugal poderia produzir numa abundância extraordinária e que, por esta razão, deveria andar sempre a preços acessíveis, vem este ano a peso de ouro. Só os ricos lhe chegam. E a petizada pobre dá-se, quando ela é pequena muito com pedidos, um pouco de pão negro, nauseabundo, indigesto, mal-gostoso. Sem embargo, há quem ande a dizer pelos jornais que a vida barateia e se facilita dia a dia...

B. C.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

do, com o elevado fim de beneficiar a causa dos trabalhadores, são condições morais que por si se impõem.

Capitão Sadoul

As suas ideias e as suas esperanças

Segundo um telegrama de Constantinopla, via Paris, o capitão Sadoul, que para a Rússia fôra na qualidade de adido à missão militar francesa, fundou em Kief um jornal bolchevista, sob o título de *A Bandeira Vermelha, todo escrito em francês*.

Vem, pois, a propósito um trecho da história psicológica deste homem corajoso, que, como aldis outros oficiais franceses, se dedicou de corpo e alma à revolução russa. Esse trecho consiste num artigo do próprio Sadoul, que passamos a traduzir.

Como a maior parte dos nossos camaradas franceses, eu era antes da guerra um oportunista, amigo duma sensata evolução, partidário resolutos das reformas, que uma a uma chegam a melhorar a situação dos trabalhadores, a aumentar os recursos materiais e intelectuais, a apressar a sua organização e a multiplicar a sua força. Como tantos outros, eu hesitava ante a responsabilidade de desencadear em plena paz social (na medida em que é possível falar de paz social em regime capitalista) uma crise revolucionária, inevitavelmente caótica, dispendiosa, sangrenta, e que, mal conduzida, podia ser votada ao desastre. Inimigos da violência acima de tudo, afastámo-nos pouco a pouco das suas tradições marxistas.

O nosso evolucionismo impenitente conduziu-nos a confundir os meios — a reforma — com os fins — a socialização geral dos meios de produção e de troca.

Assim, gradualmente nos afastámos, até perdê-la de vista, da única tática socialista admissível: a tática revolucionária. E' tempo de reparar os erros cometidos. Júlio Guesde, há trinta anos, se a memória me não falha, escrevia que uma guerra que puzesse a Europa a ferro e fogo era de desejar, porque proporcionaria à classe operária a oportunidade excepcional de ajustar contas com os exploradores e construir a cidade socialista. Esquecendo-nos destas vigorosas palavras, não somente já não desejamos a guerra, mas tornámo-nos os seus implacáveis adversários, por ódio à violência.

Não penso em censurar esta luta encarnizada contra a guerra, travada sem interrupção pelo nosso partido até Agosto de 1914. Mas esta guerra maldita, desencadearam-na os governos imperialistas a nosso pesar e contra nós. Na sua loucura criminosos, continuaram-na sem piedade por quatro anos. Se nós não o impedíssemos, esforçar-se-iam por prolongá-la ainda por séculos sem a sua completa impotência para resolver os problemas que pela paz se rão suscitados. Eles cobrem os campos de batalha com os nossos mortos; ilustram os seus generais, enriquecem os seus financeiros e os seus industriais com o sangue dos operários e camponeses.

Entraram na história sobre cadáveres de trabalhadores. Depois de 1914, recordem-se das lições revolucionárias de Marx, dos desejos bellicosos de Guesde, das ameaças proféticas de Jaurès, anunciando que as grandes comições europeias fariam surgir as grandes convul-

ções sociais, proclamando que o direito e o dever dos proletários, arrastados a um conflito sangüinoso, seria fazer brotar a revolução social da guerra. Sabemos hoje que a guerra não basta para matar a guerra; que o capitalismo sairá da tempestade mais opressor, mais ávido do que nunca, mais perigoso do que antes para a paz do mundo. Sabemos que a sociedade das nações não passa duma utopia burguesa; que só há um meio de matar a guerra e salvar o proletariado; fazer surgir da guerra o socialismo.

Pois que a violência foi posta na ordem do dia da classe dirigente no interesse da independência nacional, os trabalhadores não devem ter escrúpulo algum em se servir dela em proveito seu no interesse da transformação social. Este profundo sentimento que eu tinha desde 1914 tornou-se certeza desde que, como espectador e actor, tomei parte na revolução russa.

A revolução geral é necessária e inevitável. Tem que se realizar pela acção directa das massas trabalhadoras, sem participação nenhuma das massas dirigentes. E' rompendo com os métodos conciliadores de Kerenski e de Tchernof, é com o emprego da acção revolucionária mais tenaz que os bolcheviques alcançaram o seu fim. Derribaram a burguesia, destruíram o antigo regime e começaram a organização da sociedade comunista. A obra grandiosa, única na história, empreendida pelos bolcheviques — socialistas comunistas russos — discípulos fiéis de Carlos Marx, é a experiência mais concludente. A revolução de amanhã deverá ser feita para o povo e portanto pelo povo. Não se fará no terreno político, mas no terreno económico. Basear-se há na luta e na guerra de classe. Nas fileiras do exército revolucionário que combaterá para aniquilar o capitalismo, para impedir o regime do salariato, para instalar a comunha socialista, nem um só peito se deve reservar à burguesia traidora. Nenhuma concessão! Nenhum compromisso! Todo o poder nas mãos dos operários e camponeses. Nenhum poder, nenhuma arma nas mãos da burguesia.

O generoso proletariado francês, que não grandes coisas tem executado, dará mais uma vez ao mundo o exemplo, logo que estiver refeito, acabada a guerra. Constrangida pela revolução russa e francesa, a velha Europa estará breve toda em fogo. Nunca o esforço tem sido tão fácil e tão fecundo. Em algumas semanas, em alguns meses, serão os tronos derribados, os governos desfeitos pela tormenta. Uma paz justa e democrática será discutida e firmada fraternalmente pelos povos, enfim livres dos seus opressores. Os privilégios da burguesia serão suprimidos, abolido o capitalismo. As reivindicações proletárias serão satisfeitas imediatamente e completamente. Os anos de 1

CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

Projeto de estatuto da Confederação

CAPÍTULO VII
Do jornal

Art. 26.º O órgão oficial da Confederação, na imprensa, é o jornal *A Batalha*, de publicação diária.

Art. 27.º A orientação de *A Batalha* é inspirada na luta de classes sociais, fundamentando a sua doutrina nos objectivos da Confederação, consignados no capítulo 1.º destes estatutos.

Art. 28.º Em *A Batalha* poderão colaborar todos os indivíduos livremente, desde que seja respeitada a sua orientação básica, nunca se rejeitando, contudo, a colaboração com carácter progressivo e emancipador.

Art. 29.º Para que tenha uma feição moderna, deve *A Batalha* aceitar colaboração sobre ciência, arte, sociologia, higiene, literatura, história, pedagogia, racionalista e tudo o mais que contribua para o estudo e educação intelectual da classe operária, sempre que o espaço não lhe seja necessário para tratar as questões de momento: greves, vida sindical, etc., que interessem imediatamente a classe operária.

Art. 30.º As comissões de redacção e administração são autónomas, mas responsáveis, perante o Conselho Confederal, pela vida do jornal, devendo, sempre que sejam convidados, prestar esclarecimentos ou apresentar qualquer proposta para estudo ao referido conselho, os administradores e redactores principais.

Art. 31.º Para estabilizar e desenvolver a vida do jornal, deve existir sempre a mais perfeita e cordial comunhão de vistas entre as comissões de redacção e administração e o quadri tipográfico, devendo o regime de trabalho deste ser, de preferência, a comandita.

CAPÍTULO VIII
Dos congressos

Art. 32.º A Confederação realizará os seus congressos ordinários de dois em dois anos, e extraordinários sempre que o Conselho Confederal a essa convocação seja forçado por questões graves e importantes, tanto nacionais como internacionais e que o mesmo não tenha competência para resolver.

Art. 33.º Cada organização far-se-á representar por um ou três delegados directos.

Art. 34.º Só será aceite a acumulação de mandatos para os sindicatos de fora do continente, mas nunca em número superior a duas. As delegações indirectas só poderão ser preenchidas por assalariados e sindicados.

Art. 35.º As reuniões dos Congressos realizar-se-ão nos dias que forem escolhidos pelo Conselho Confederal e em localidades diferentes, devendo ser a data fixada com três meses de antecedência para os Congressos ordinários.

Art. 36.º Logo que os congressos sejam convocados, cada organismo aderente poderá enviar à Confederação qualquer questão por escrito que entenda dever tratar-se, a fim de ser incluída na Ordem dos Trabalhos, a qual, assim como as questões a resolver ou testes a discutir, deverão ser distribuídos

com a máxima antecedência aos organismos aderentes para os respectivos delegados se estudarem.

Art. 36.º As cotas para as despesas dos congressos serão fixadas pelo conselho confederal.

Art. 37.º Em cada Congresso será designado o local do imediato

CAPÍTULO IX
Dos fundos

Art. 38.º Para permitir à Confederação assegurar os seus diversos serviços os organismos confederados são obrigados a contribuir:

1.º As Uniãos Locais, com 10 centavos por cada sindicato seu aderente e por mês;

2.º As Federações de Indústria, os Sindicatos nacionais e os isolados com 2 centavos por mês, por federado no sindicato, dos quais é destinado um para as despesas da respectiva secção; e o outro, para o conselho jurídico;

3.º Com a cota de admissão, paga por uma só vez e por cada sindicato, na importância de 150, da qual saíam 50 por cento para fundo do jornal *A Batalha*.

Art. 39.º A tesouraria da Confederação é uma só. Porém, cada uma das secções terá fundos à parte, provenientes da sua cotização especial.

Art. 40.º Quando o Conselho Confederal tomar decisões de carácter geral, com aumento de despesa, esta é paga em partes iguais pelo orçamento de cada secção.

CAPÍTULO X
Disposições gerais

Art. 40.º Todo o organismo aderente que se recuse a prestar o seu concurso à execução de quaisquer trabalhos que a Confederação promova em benefício do proletariado ou que esteja em atraso de mais de três meses de cotização, será suspenso se deixar sem resposta o convite para explicações ou o aviso para pagamento que lhe forem dirigidos.

Art. 41.º Sempre que alguma agremiação aderente tome quaisquer deliberações que contendam com os interesses gerais operários, será obrigada a dar conhecimento à Confederação, antes de entrar na prática dessas deliberações.

Art. 42.º Fora do organismo social nenhum membro da Confederação poderá representar ou invocar a sua qualidade, sem que para tal tenha prévio poderes.

Art. 43.º Uma vez que qualquer membro do Conselho Confederal seja investido dum mandato político, não poderá fazer parte do mesmo Conselho.

Art. 44.º Os presentes estatutos só poderão ser alterados por outros congressos.

Art. 45.º No caso de dissolução da Confederação Operária Portuguesa, os seus haveres líquidos serão distribuídos proporcionalmente pelos organismos que a hajam constituído.

A Comissão Organizadora: António Gomes Amaral, Abel Jacinto Pereira, Joaquim Francisco, Miguel Correa, Manuel Joaquim de Sousa, relator.

OPERÁRIOS DA UNIÃO FABRIL

A sua resistência mantém-se

Assalto à sede do sindicato - Prisão e agressão de alguns grevistas

Conforme já ontem noticiámos, estão-se dando casos extraordinários no Barreiro com os camaradas da União Fabril, motivo por que os fômos para, de perto, inquirir do que se passava. Pelas notas que colhemos e pelo que ouvimos, podemos afirmar em absoluto que as perscrições e arbitrariedades da força armada, as ordens de Alfredo da Silva, são constantes.

Assim, durante as horas, foi assaltada a sede da Associação de Classe dos Operários da C. U. F., onde nada encontraram de comprometedor. Ali prenderam os camaradas Custódio Heltor, João Gomes e José Sardo, acusados de perturbar a ordem pública e de serem perseguidores.

Depois de serem espancados e de terem sido presos, foram apanhados e levados para a prisão pública, ficando com graves ferimentos. Não receberam curativo no posto de socorros da C. U. F. e, uma vez ali, foram levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

A seguir a estas façanhas, que indignam a opinião pública, foram também presos os camaradas Manuel Mota, de depois de presos, tiveram a mesma sorte das camaradas, tendo sido levados para a prisão pública.

Na Praça da República, e após o assalto à sede da associação, prenderam António Lima, que estava num quiosque de que se é proprietário.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

Assim, durante as horas, foram presos e levados para a prisão pública, onde se encontram em estado grave.

A BATALHA

O Tribunal dos Arbitros Avindores

O que sobre o seu irregular funcionamento nos diz um vogal operário desse tribunal:

porque os seus processos nunca mais virão à luz do dia, isto com grande satisfação de alguns honrados comerciantes da nossa praça, que já foram condenados, mas que não pagam, segundo o declaram.

Quando, porém, procurávamos encontrar o camarada que nos dera as informações publicadas naquele número, a fim de obter novos elementos, depáramo-nos no nosso camarada José Luís Caetano, também vogal operário daquele tribunal, que nos mostrou vontade de dizer alguma coisa sobre o assunto.

Após algumas considerações acerca da campanha de *A Batalha*, perguntámos-lhe:

—Que nos diz, então, o camarada sobre o irregular funcionamento do Tribunal dos Arbitros Avindores?

—Que a culpa dessas irregularidades cabe, principalmente, ao presidente e vice-presidente que estiveram em exercício em 1918, funcionários que não zelavam pelo bom funcionamento daquele tribunal, como lhes competia.

—Mas não foi já nomeado um indicante para averiguar dos actos irregulares praticados naquele tribunal?

—Sim, foi. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

—Sim, sim. Mas esse indicante adoeceu gravemente com um ataque de influenza política, que lhe paralizou todos os movimentos físicos e intelectuais. E enquanto esse senhor se não restabelecer, o que decerto não sucederá, não se poderá fazer mais nada.

—Mas não é a actual actualidade municipal não nomear outro indicante, os interessados podem dormir a sono solto.

As greves

Marceneiros

Prosegue o movimento desta camarada, tendo já a maioria dos industriais accedido às reclamações apresentadas. A assembleia de ontem tomou conhecimento dum carta do industrial Reis Colares, do teor seguinte:

Sr. presidente da assembleia geral.—Dirijo-me a v. a fim de que na primeira assembleia que se realize, se defina o seguinte equívoco: existe um industrial de marcenaria que, tendo um apelido igual ao meu, e dizendo-se meu irmão—na minha ausência, é claro—tem estabelecido em todos os campos enorme confusão, indugando muitos indivíduos que se chamam José Pedro dos Reis Colares, tendo o meu estabelecimento na rua da Emenda, 29 e sendo o dele na rua Fernandes Tomás. Aproveito a ocasião para lhe pedir, se fosse possível, que viesse a publicação em *A Batalha*, desta carta, o que muito agradeço. Sem outro assunto, mais do que desejar a v. e a actividade que representa que todas as suas aspirações sejam coroadas de êxito, subscrevo-me, com toda a consideração, José Pedro dos Reis Colares.

Também a assembleia protestou contra o procedimento do amarelo Joaquim Santos Lial, vereador socialista, que, a despeito das afirmações que fez junto dos camaradas da União Fabril, não traído a justa causa dos seus camaradas.

Hoje reúne a classe às 16 horas, no local do costume.

Condutores de carroças

Continua a manter-se em greve a classe dos condutores de carroças.

Uma parte dos condutores já está trabalhando, porque várias casas tem accedido às reclamações do seu pessoal.

Por este facto, estes retomaram o trabalho. Um dos principais motivos que tem contribuído para que este conflito ainda não tenha sido solucionado, é o facto do sr. governador civil não permitir os placards nas tarjas das carroças que transitam na cidade, que são as dos proprietários que accedem às reclamações do seu pessoal.

A maior preocupação dos proprietários de carroças, é o cumprimento das 8 horas de trabalho, que tem de se cumprir que tem de ser um facto.

As adições recebidas até ontem são já em número de duzentas e cinquenta dos proprietários que declaram aceitar o horário de 8 horas, com entrada às 5 e saída às 17, pagando as horas suplementares a dobrar. Os ordenados são: 2500, 2540, 2580, galeras, carroças baixas e carroças altas, respectivamente.

Esta associação lembra a todos os condutores de carroças que não se esqueçam dos princípios de solidariedade e protesta contra a forma como a polícia está a proceder, consentindo que menores e criaturas alheias à classe estejam a exercer essa profissão sem licença e sem a fiscalização devida.

A assembleia aprovou um voto de louvor aos camaradas descarregadores de terra e mar, por se recusarem a carregar as carroças conduzidas por militares.

Uma greve de protesto

SEIXAL, 24. Os operários que trabalham na linha do Barreiro a Cadelhas, abandonaram ontem o trabalho, em sinal de protesto, pelo facto de o sr. Aresta Branco ter expulso do gabinete da administração do conselho da companhia dos caminhos de ferro, a comissão que o procurou para saber a respeito definitiva de um pedido de aumento de salário que lhe fora feito há três meses.

Os grevistas retomaram hoje o trabalho, ficando até quinta-feira em sessão permanente, para então se resolver o caminho a seguir, até aqui, data, o aumento não tiver sido concedido.

Grupo "O Despertar"

Reúne amanhã este grupo, no local do costume.

Prevenção

Os trabalhadores portugueses são diariamente vítimas das manobras delectuosas de indivíduos, que se pretendem indevidamente encarregados de retribuir por conta da Missão Francesa no Barreiro.

O público fica avisado que as operações de recrutamento desta missão estão por enquanto suspensas e que além disso, essas operações foram sempre gratuitas para os trabalhadores.

Abuso do álcool

A enfermagem S. (S. Sebastião), recolheu Anacleto da Silva Ferreira, de 20 anos, serralleiro, morador no pálio do Sousa, porta 1, que ontem entrou com outros indivíduos na taberna de Angelo dos Santos, calçada de S. Vicente, e lançado mão de um garrafão de aguardente, bebeu a tal ponto que teve de ser transportado para o hospital de S. José.

SOVIETISMO

Conselho Maximalista Lênine e Trotsky. Reúne hoje às 20 horas.

Conselho Maximalista da Cascaelha e Santana. Pede-se a comparecimento dos membros da direcção, hoje, em caso de tesouraria.

Diário Sindicalista

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reúniu o conselho da Federação para tratar de assuntos relativos à sua organização e nomear uma comissão administrativa do novo manicópio de Lisboa sobre as obras que tencionam ali fazer. A comissão convidou todos os industriais que precisem de qualquer trabalho a fazer as suas comunicações para a sede, Calçada do Combro, 38, 2.º.

Convidam-se todos os delegados a reunir hoje, pelas 20 horas.

Polímeros de Móveis.—Reúniu a comissão administrativa desta colectividade, juntamente com a comissão que trata do conflito com a firma Guilherme e Ferraz, apreciando a resposta desfavorável desses industriais. A comissão declara que de futuro a Associação não se responsabiliza com o que se possa dar com essa firma.

Cartonageiros.—A assembleia magna de ontem, aprovou, em princípio, a tabela das industriais, não abdicando, porém, das reclamações formuladas e da jornada de 8 horas.

Manufatureiros de Calçado.—Na reunião efectuada ontem foi apreciado o conflito dos gráficos e da C. U. F., resolvendo-se convidar todos os camaradas a levarem listas para as oficinas a fim de auxiliarem as camaradas em luta. Congratularam-se pelo regresso dos deportados da greve de Novembro, resolvendo representarem-se à sua chegada.

Hoje reúne a direcção para tratar de assuntos muito urgentes.

Carpinteiros Cívicos.—A direcção apreciou o procedimento de alguns camaradas que trabalham na obra do sr. Joaquim Tojal, na rua do Ouro, e que, por estarem de empreitada, não respeitavam o horário de 8 horas, deliberando aconselhá-los a terminar com as infracções a essa regalia proletária, a fim de evitar incidentes desagradáveis.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.—Reúne hoje a assembleia de delegados a este organismo, para tratar da nomeação de delegados ao Congresso Operário Nacional e da aprovação do balancete da receita e despesa com o comício do 1.º de Maio.

Federação dos Transportes de Terra e Mar.—Por só terem comparecido delegados dos condutores de carroças, carris de ferro, pessoal menor dos correios e telegrafos e inscrites marítimos, ficou transferida para hoje, às 21 horas, a reunião que estava marcada para 23 do corrente.

Construção Civil de Almada.—Reúne hoje, pelas 20 horas, para nomear os delegados ao Congresso Nacional Operário. Pede-se a comparencia do delegado Heitor Martins.

Manipuladores de Pão.—Pelas 16 horas, reúne hoje a direcção, juntamente com as comissões, para tratar da situação dos camaradas presos.

Secção de Palma e arredores.—Convida-se a comissão de propaganda desta secção a reunir hoje, pelas 19 horas, para tratar de um assunto urgente.

Comissão Inter-Sindical da Construção Civil.—O conselho de delegados reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de grande urgência. Devem assistir a esta sessão delegados da comissão permanente.

Estudadores e Decoradores.—A comissão da bandeira reúne hoje, devendo comparecer o camarada José Antunes.

Pessoal da Manutenção Militar.—E' convidado a reunir hoje, às 19 horas, todo o pessoal deste estabelecimento fabril, na sede do seu sindicato profissional, para tratar assunto urgentíssimo.

Polímeros de Móveis.—Para tratar do conflito com a firma Guilherme e Ferraz, reúne hoje em assembleia magna, pelas 21 horas.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Realiza-se hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, com a mesma ordem de trabalhos da anterior.

Secção da Construção Civil do Alto do Pina.—Reúne hoje a assembleia geral.

Estofadores.—Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para discussão do relatório e contas da gerência de 1918 e eleição da gerência e conselho fiscal para 1919.

Conselho Jurídico da U. O. N.

JULGAMENTOS

Responderam ontem no 2.º juízo criminal, seis camaradas vidreiros, José Martins, servente de pedreiro, e Franklin da Costa Seixas, todos acusados de incitamento à greve, desobediência à autoridade, ameaças e violências tendentes a obstar à liberdade de trabalho.

Foi seu defensor o nosso amigo dr. Sobral de Campos, consultor jurídico deste Conselho, sendo absolvidos cinco vidreiros e o empregado de farmácia F. Costa Leite, e sendo condenados José Francisco, vidreiro, e José Martins, em oito dias de prisão já sofrida, oito dias de multa a dez centavos e dez escudos de multa fixa.

Perseguições aos trabalhadores

A pretexto dos últimos acontecimentos, estão sendo transferidos dos quartéis de Lisboa para os do Alentejo e do Norte, vários soldados, cabos e sargentos.

Continua, pois, o governo no caminho das violências. Mas caminho esse, porque o passado tem ensinamentos que ele não deve esquecer.

ENTRE MILITARES

Deu-se ontem uma desordem no Bairro Alto, entre soldados e marinheiros, de que resultou ter sido esfaqueado e espancado o soldado de infantaria 5, Manuel Rial, que teve de curar-se no posto da Misericórdia. Informam-nos que o polícia n.º 712, da 5.ª esquadra, ali de serviço, não fez o menor esforço para evitar a agressão, apesar disso ter sido fácil, tendo o marinheiro agressor seguido impune para o seu camarão.

Recebeu-se nesta redacção e já foi entregue aos camaradas da C. U. F., a quantia de 100,000, procedente de uma subscrição feita pelo camarada José Martins, ferroviário de Santarém, destinada a socorrer agredidos grevistas.

Diário Sindicalista

Últimas notícias

A paz de violência

Uma proclamação de Noske ao exército alemão

MADRID, 25.—Dizem de Berlim que Noske, ministro da defesa nacional, fez um apelo ao exército, dizendo que o governo resolveu assinar a paz que deixa a Alemanha indefeza, lembra que era hostil à assinatura e pede às tropas que permaneçam fiéis.—H.

O afundamento da esquadra alemã e do Conselho dos Quatro. A cerimónia da assinatura da paz criminoso

PARIS, 25.—O conselho dos quatro ocupou-se do afundamento da esquadra alemã e adiou a sua resolução até ser conhecido o resultado do inquérito britânico.

A delegação austríaca comunicou duas notas, uma relativa aos bens particulares e a outra à sociedade das nações, no seio da qual a Austria pede para ser admitida.